

Escrever, você escuta
alguma coisa.

É um compromisso com
a relação da literatura
da minha vida...

Coloco o que escrevo,
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever parte
de uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante é
a minha relação com a escrita

e com os meus leitores.

Tento engolir o ar,

as gotas descem como
veneno gentis.

Quero me deixar levar.

Afundaria no barro completo,

circularia entre o polo amargo
e o polo doce num sono perfeito.

Flutuaria na linha do Equador,
bem no meio deles.

sonso e penso, cheio de mim

ou de uma lava rio,

já resfriada e pálida.
Minha montanha.

Seu esôfago de barro acolheria
minhas pequenas diferenças?

detalhes que só têm
importncia para mim?

Ou, como um ouro puro
e rancoroso,

por mastigar a matéria
mastigaria também seus nomes?

Ou ainda, palmito insone,
pai podre,

tua autoridade
é total silêncio?

Quem me espera ali,
qual mosquito patético?

Ainda assim,
seu ferrão dói e contamina.



Eu escrevi desde pequeno.
Acho que tive alguma
dificuldade com isso

lá pelo final da adolescência
e retomei logo, assim,

aos 20 e poucos anos, 25.
Então, na verdade,

eu acho que eu sempre fiz,
sempre escrevi.

Eu demorei um pouquinho

para publicar.

Meu pai dava aula de
literatura francesa,

então, eu sempre tive uma
biblioteca muito boa,

esse negócio sempre rolou.
Acho que a expectativa familiar

era que eu fosse comentador de
filosofia, alguma coisa assim.

Quando eu lia um pouco
de filosofia,

eu acho que cheguei a ter
alguma intimidade

com o Montaigne e com o Pascal,
foram os dois
que eu gostei, assim.

Desde os 12 anos,
eu escrevo todos os dias quase,

sei lá, é uma coisa
mais antiga.

Mas eu acho que uma hora
aquilo foi ficando abstrato,
quer dizer,

eu não sabia mais do que
eu estava falando,
foi me dando um siricotico.

E a coisa com as
artes plásticas

sempre foi um corpo,
sempre tem um negócio corpóreo.

Tirando, talvez,

bem o momento em que eu
mudei para as artes plásticas,

lá para 1981, alguma coisa,
que eu acho que eu
não estava escrevendo,

eu sempre, de algum modo,
continuei com essa coisa
da palavra.

Eu me lembro dos primeiros
desenhos que eu fiz,

que eram muito ruins, assim,
mas era tinta acrílica
sobre o papel,

a coisa do papel chupando
a tinta, entrando,

indo assim, uma coisa que
eu derramava e acontecia,

era física,
era uma delícia isso.

Não era... na época,
era máquina de escrever,

não era aquela angústia
da folha branca,

mas eu pegava,

eu passava da minha energia
para outra coisa

que reagia à minha energia,
quer dizer, isso foi, de cara,

muito atraente, eu acho que
em artes plásticas

eu sempre fui ligado muito
em matéria, sou até hoje,

as minhas coisas vêm disso,
quando inventam

um material novo,
sempre facilita muito.

Agora, com certeza,
se eu pensar de hoje,

é um percurso, né?
Eu acho que alguma coisa,

de novo, ambivalente, uma vez
o meu filho falou para mim,

“Ô, pai, você não fala
dez palavras que não use
o 'ambivalente'.”

O que é verdade, né?

É uma palavra psicanalítica
que me persegue, mas

eu acho que eu tenho uma
certa ambivalência entre
matéria e sentido,

entre nome e coisa,
entre corpo e nome do corpo.

Eu acho que eu fico ali numa
região onde as coisas estão
se mordendo, né?

E isso, claro, não seria
possível com uma linguagem só,

são as duas que estão,
um pouco, se buscando.

Agora, biograficamente,

eu comecei escrevendo

e comecei, como
artista plástico, tarde.

No sentindo mesmo
da arte,

eu acho que eu mexo mesmo
com essa fronteira,

passando de uma...
não é com a fronteira,

eu mexo com uma coisa que
desliza de um para outro

e volta e tal, eu acho que...

e de modo muito mais fraco,
menos intenso,

também isso é aplicável ao que
eu fiz filmando a minha relação

com canção, embora
sejam coisas muito menos
importantes dentro de mim,

eu acho eu também tenho
muito gosto por isso,

eu acho que eu tenho uma
certa ilusão que não conhecer
uma linguagem

é uma coisa esteticamente rica,

você poder estar num negócio
que voc não domina bem.

Eu acho que mesmo dentro
das artes plásticas

eu vario bastante dentro de

vários gêneros, quer dizer,

eu gosto de estar...

Agora, de tudo,

talvez escrever,
por ser a mais antiga,

é algo que eu sinto como
uma coisa mais,

por incrível que pareça,
é como se eu tivesse
mais recurso,

nos outros é uma coisa eu
nunca sei bem onde estou.

A literatura é diferente, né,
porque,

na verdade,
com artes plásticas,

você está usando matéria
incomum sempre,

e na literatura, você usa a
matéria que as pessoas usam

quando falam, então, isso é...

o cara que lê, ele l as
palavras que ele usou

para dizer "bom dia"
na padaria, né?

Agora, numa obra
de artes plásticas, você...

ninguém tem vaselina,
potes e potes,

a não ser que seja um tarado

muito grande,

potes e potes de vaselina
em casa, quer dizer,

já é inusual, né? Então, essa
questão se modifica um pouco.

Como literatura, eu fazia
há muito mais tempo,

mas eu só fiz um livro
muito mais tarde, quer dizer,

a verdade é que eu acho que
eu fui muito mais desinibido

como artista plástico porque
eu entrei tarde,

e como eu desde pequeno
queria ser autor,

poeta, sei lá,

e também eu tinha mais
controle, tenho ainda,

se eu tenho algum controle
técnico é como escritor,

como artista plástico
eu não tenho nenhum.

Assim, eu não sei técnica
nenhuma, de nada, direito.

Então, isso

me deu uma certa desinibição
e a ilusão que eu nunca perdi

de que você não saber
uma linguagem

é um ótimo modo de lidar
com ela, quer dizer,

eu sempre acredito um pouco
nisso, embora isso

não é verdade em si mesmo,
claro, mas eu tenho essa ilusão

que você não conhecer
tecnicamente uma coisa

é um elemento erótico,
assim, desinibidor,

de que dá uma carga
de energia.

Então, mesmo como
artista plástico,

eu variei bastante entre
escultura, instalação,

pintura, desenho, filme.
Eu me lembro,

o primeiro filme que eu fiz,
que é o "Luz Negra",

que é de 2002, foi muito legal.

E eu não sabia nada, nada.
Foi muito interessante

aquela cena, eu tendo que
me deparar com umas questões

que eu nunca tinha imaginado
que eu poderia ter que lidar.

Eu gosto muito disso.
Como escritor,

eu tenho mais controle

linguístico, acho que,
sem dúvida nenhuma.

Eu tenho que criar uma
desinibição maior para mim.

Assim como na minha obra
como artista plástico,

a matéria foi saindo
e a cultura foi entrando,

aquilo que era vaselina,
passou, de certo modo,

a ser samba
do Nelson Cavaquinho,

a minha matéria, né?
Quer dizer, eu troquei
a matéria literal

por referências da cultura,
eu acho que na minha
literatura também,

a matéria está mais ausente
e tem mais jogo

de elementos que já estão aí
postos pela cultura.

♪

Para mim, são momentos
que vão andando,

em geral, eu escrevo
pela manhã,

para mim está mais ligado
a um momento

em que a casa está mais
quieta, o telefone toca menos,

e tem o resto do dia para fazer
a coisa de artes plásticas.

Agora, muitas vezes,
em montagem,

em momentos assim,
eu escrevo, às vezes,

em uma situação bem...
cheio de gente falando,

não me incomoda muito, não.

Mas é que eu não penso,
o momento de imbricação,

que eu acho que existe,
é muito assim, por exemplo,

quando eu estou querendo
fazer um troço, tem um material

que eu estou interessado,
sei lá o que,

se vem um título à cabeça,
fica tudo muito mais fácil,

quer dizer, o trabalho todo
anda melhor em artes plásticas

quando eu encontro um nome,
quando eu encontro
um livro para ler,

isso é máximo,
quando você acerta a leitura,

eu acho que isso tem alguma
contaminação mesmo.

Eu reescrevo muito,
mas eu tenho um "grilo"

que é o seguinte:

apesar de ter uma certa
vergonha de falar isso,

eu escrevo como se eu
tivesse inspirado no fundo

e depois eu nunca consigo
voltar àquela ligação
com o texto, entendeu?

Então, eu sinto, é engraçado,
eu reescrevo muito,

corto muito e...

mas eu não consigo
ter a plenitude reescrevendo

de quando sai. Nesse
sentido, tem umas coisas
engraçadas,

às vezes, eu tenho uma ideia,
eu sei que eu
vou chegar em casa,

eu chego e não sai.
É estranho.

E esse momento primeiro,
para mim, é muito verdadeiro,

e às vezes são assim,
doze minutos, uma coisa rápida,

aquele telefone chamando,
eu não vou atender, mas...

aquilo para mim é muito forte,
é isso que baixa.

Depois eu posso elaborar,
eu realmente joga

muita coisa fora e tal.

Mas eu não reescrevo
no sentido de reescrever

valer tanto quanto a
primeira vez que sai. Sabe?

Quando sai, sai. Que é uma
coisa meio antiga, é curioso,

é mais baixa assim, mas

eu acho que escrever,
você escuta alguma coisa,

você escuta um personagem,
você escuta palavras,

você escuta vozes, você escuta.
Quem escreve, escuta.

Eu tendo a escutar palavras
e não personagens,

e às vezes o que eu estou
dizendo desde o começo aqui

é que esse "escutar palavras",
às vezes, parece que

vira um filósofo meio besta
e tal,

e às vezes eu quero escutar
cenas e tal.

Então, eu tenho essas duas
forças um pouco se mordendo.

O resultado disso, às vezes,
são livros mais

sem nome, às vezes,
são textos mais próximos

de um gnero.

Agora, eu vou fazendo.
Não é uma coisa que
eu me determine à -

eu vou fazendo, vou gostando
ou não,

aquilo vai virando um forma
conforme eu vou fazendo.

♪

♪

[Água corrente]

♪

[Samba]

♪ Duas horas da manhã

♪ Contrariado espero

♪ pelo meu amor

♪ Vou subindo o morro
sem alegria,

♪ Esperando que
amanheça o dia

♪ Qual será o paradeiro

♪ daquela que até

♪ agora não voltou?

♪ Eu não sei se voltará,

♪ ou se ela me abandonou ♪

O que eu tento é não baratear
esse diálogo, né?

Quer dizer, é importante
que cada vez que você vai

para um lado ou para outro
sofra a resistência
daquela linguagem,

cada uma oferece
chamados diferentes,

solicita você
de um modo diferente.

O que eu tento evitar é
rebaixar essa solicitação,

esse chamado em nome
de ser de um outro lugar,

quer dizer, eu não gostaria
de escrever como um
artista plástico,

eu gostaria de escrever
como alguém que escreve,

não sei o que isso quer dizer,

mas que tenha a força disso,
né? Assim como,

sei lá, se eu estou fazendo
os meus quadros,

há questões plásticas que
são as questões legais,

as que estão chamando, né?

Então, eu só tento separar
no sentido de não baratear.

Agora, é claro que há a
comunicação de tema,

de jeito, de coisas que
de algum modo migram

para lá, coisas que você
está pensando, acho que isso,

inevitavelmente, acontece.
Agora, no caso dos quadros,

é que tem muito acúmulo, então,
como eu faço eles no chão,

eu vou botando coisas,
parece que ele pode

receber infinitamente coisas.
E aí, as pessoas me perguntam:

"Quando é que está pronto?"
Até porque eu faço no chão,

eu paro ele no chão ainda,
sem ver quase,

porque eles são muito altos e
eu quase não estou enxergando,

então, eu noto isso, que ali
da onde eu estou,

daquele ponto de vista,
noto que está tudo já meio...

nada mais prende o fluxo.
Transpondo esse raciocínio,

eu diria que em alguns,
por exemplo,

no livro "Ó", eu acho isso,
sim, não há...

o fluxo poético
tem que ser contínuo,

ele não poder ser parado,
não pode ter solução.

"O Mau Vidraceiro",
é uma tentativa, eu acho,

de fazer uma linguagem mais...

menos presente, menos opaca
e mais transparente,

uma linguagem que
receba mais conteúdos.

Quer dizer, ela, no fundo,
é um tipo de linguagem

mais narrativa, que cede mais
ao que está sendo narrado.

Eu sempre faço uma dupla,
que é, de um lado,

o "Cujo" e o "Ó",
do outro lado

o "Pão do Corvo"
e o "Mau Vidraceiro",

eu acho que são livros

que se complementam
essas duplas

e são igualmente opostos.

Quer dizer,
eu quando fiz o "Cujo",

eu senti que eu podia seguir
fazendo aquilo sempre,

mas que eu estava num grau,
assim, de abstração

muito grande,

não sabia bem o que
eu estava falando, tal.

Quando eu estava fazendo
o "Ó", eu acho que foi
a mesma coisa,

eu senti uma espécie
de cosmogonia meio
hermética, tal,

que estava me enchendo,
porque já não sabia,

então, "O Mau Vidraceiro"
foi uma tentativa de falar

de coisas mais imediatas,
pequenas epifanias,

coisas que me chamavam
a atenção.

Daí o título também,
que é de um livro

do Baudelaire, que é
essencialmente urbano,

público, que fala muito
das figuras de Paris,

e que nesse caso pega
um vidraceiro e exige dele

que ela tenha não vidros
transparentes apenas,

mas vidros com cor,
vidros que mostram
o lado belo da vida.

E nessa exigência,

ele vai se inebriando

dessa exigência de um
vidro das coisas

que mostra o lado belo
da vida

e quebra todos
os vidros do cara.

Então, eu achei que eram
duas vozes complementares

que ao colidirem, a voz
de quem não oferece

o lado belo da vida porque
só tem vidros banais

e a voz do cara que exige
o lado belo da vida,

quando elas se chocam e
o Baudelaire joga um vaso

que quebra os vidros do cara,
é aí que o bonito aparece,

quer dizer, essa colisão,
essa escultura

do vidraceiro caído,
cheio de vidros quebrados,

esse é um trabalho que eu
poderia ter feito.

E que é, a meu ver,
a colisão de duas vozes,

a voz do cara banal,
com o qual eu me identifico,

o cara que não consegue

mostrar o lado belo da vida,
e o lado de um tirano poético
exigindo: "Mostra o lado belo
da vida",

quando as duas trombam
e quebram tudo,

aí, que a beleza nasce,
não está nem em uma
nem em outra, está nesse...

então, eu achei que isso
tinha a ver comigo.

Mas, de todo modo,
eu acho que é um livro

mais um multifacetado
e um livro onde eu estou
tentando narrar,

eu estou tentando ceder um
pouco meu aparato linguístico

às coisas, memória,

à personagem, coisas
assim como surfar um pouco

num caractere que não é
o eu lírico meu,

que eu acho que no "Ó"
e no "Cujo" há um eu lírico,

por isso eu acho que são
livros, na verdade,

mas próximos de um poema,
no sentido mais aberto

desse tema, quer dizer,
eles são proza,

mas eu acho que eles têm
uma vocação mais para o

lado poético mesmo,
eles não falam muito de nada,

eles estão muito associativos,
a linguagem tá muito aérea,

vai indo, se deixa levar
para mil lados,

ela não está muito preenchida,
como é próprio
das coisas narrativas

que a linguagem está cheia
de lastro, não é?

Está muito lastreada.
É raro um autor conseguir

narrar sem esse lastro,
não é?

O exemplo mais bonito,
talvez, fosse o Proust,

que narra, narra, narra
e narra e a linguagem

é totalmente aberta,
é um Deus,

um cara que escreve
como Deus.

Mas, em geral, a presença
de um corpo estranho,

que é o narrado,
digamos assim,

trás peso para a linguagem.

O que tem um pouco,
eu acho, quer dizer,

isso em várias áreas
acontece isso,

é que você... por mais
que seja o seu eu lírico,

não é bem, né?
Quer dizer, você entra

em contato com uma voz
ou com duas,

isso, às vezes, dura muito
tempo,

então, às vezes, voc
tem que voltar àquela voz,

saber retornar para aquela
persona que faz aqueles textos
assim, né?

Então, eu, a voz que
eu estava falando, no "Ó",

que eu temo em mim,
às vezes,

é que às vezes eu acho que
eu fico com uma cosmogonia

meio fajuta, hermética,
e que eu acho que pode até
ser bem escrita,

mas eu acho que é mentirosa,
entendeu?

E, às vezes, em textos que
não são tão bem escritos,

eu sinto mais força, uma
vontade de contato com o real,

entendeu,
tocar as coisas de novo.

Eu acho que eu tenho uma
certa loquacidade

mais próxima de um poema

no sentido Walt Whitman,
do termo

de certo entusiasmo linguístico,

que eu às vezes eu sinto falta
de uma coisa mais concreta,

de pegar mais nas coisas,
de ceder a linguagem

a um elemento narrativo.
Quase tudo o que eu faço,

eu tenho uma certa ambivalência
entre dois extremos.



Ler, para mim, é uma coisa
muito forte mesmo.

Eu adoro ler, mas eu leio mal,
tudo eu leio mal, esqueço,

tenho raiva de alguns amigos
que eu tenho que leram
os mesmos livros que eu

muito antes de mim,
mas se lembram do livro

muito melhor do que eu
enquanto eu leio. Entendeu?

Ah, eu amo Graciliano Ramos,
sabia? Não sei por quê.

Assim como eu amo o Amílcar,
por exemplo,

acho que é dessa turma.

A coisa mais bonita que eu
já li na vida é o Proust,

a coisa assim, eu acho que
ali é a coisa mais bonita
que eu já vi.

Quer dizer, eu espero que
quando eu tenha lido aquilo,

aquilo fosse fácil, normal,
bacana, íntimo, meu amigo.

O Drummond é Deus,
para mim.

Eu acho que é o artista
que eu mais gosto,

que mais me pegou.
O Drummond tem uma
força de derretimento

com a qual eu me identifico,
eu queria ter um pouquinho

dessa força para mim,
entendeu?

A gente aprende demais
comparando artistas,

comparando, por exemplo,
Picasso e Matisse,

é óbvio que tem lugar

para Picasso e Matisse.

A professora primária que
vai dizer: "Vejam os dois,
não sei o que...",

ela está falseando o principal
que é que pelos contrastes,

os mundos de cada artista
são muito incompatíveis
num certo sentido.

Por isso que ciúme entre
artista é tão intenso,

não é só um defeito pessoal,
tem um lado real.

A visão poética de um artista
é muito diversa da de outra

e discutir quem é melhor,
quem você gosta mais,

é absolutamente generoso
e legal.



O leitor que se vire,
hoje em dia,

o público, parece que tratam
ele como se ele tivesse...

como é que chama aquele
negócio de
direitos ao consumidor?

É... É...

Que você vai e se queixa
quando você compra...?

Procon. Quer dizer, o cara
que frequenta a cultura,

ele vai ao Procon e diz assim:
"Olha, eu acho o seu trabalho
meio chato, sabe?"

"Ah, pois não, vamos restituir
20% do seu ingresso."

Quer dizer, também é uma
visão besta do cara

do outro lado. Ele que se vire.
Ou diga: "Não, não leio livro,
não enche o meu saco".

O que interessa é que tem um
troço ali que o cara tem que

passar fortemente, né?
Tem que viver aquilo fortemente.



Pois para mim, eu sei,
só a poeira suja

de um amor completo,
que à montanha inteira
cobrisse como neve,

unguento, agasalhando
um fogo íntimo na cratera,

só um amor assim me serve.
E seu chamado e compromisso,

por ser maior que tudo -
que minhas mãos, inclusive -

transforma-se no chão inteiro,
e inimigo,

onde descarrego os passos,

transferindo meus pés
enquanto piso.

Minha montanha. Ali.
Que pedra transparente!

Que solidão, nós dois dueto,
um grito só entrecortado
na savana.

Vê, leão, manada,
a vida não a minha,

mas o verbo amoroso
enquanto lambe

(são seus filhos).
Traz às minhas mãos,

não às mãos;
traz ao coração, não ao meu,

mas àquele feito de fantoche
e piche de folhagem,

e carne, e carne. Vê como
estão sólidas as sombras,

que eram tinta, e pisa tua
sombra como a uma laje.

E ama, como um último
habitante de um último
abrigo amaria.

Minha montanha.

